

AS MULHERES OPERÁRIAS NA LISBOA DO FINAL DO SÉCULO XIX: CARACTERIZAÇÃO E LOCAIS DO TRABALHO FABRIL FEMININO

ANA ALCÂNTARA

INTRODUÇÃO

«E o fim de tarde inspira-me; e incomoda! [...] / Vazam-se os arsenais e as oficinas; / Reluz, viscoso, o rio; apressam-se as obreiras; / E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras, / Correndo com firmeza, (...) / Descalças! Nas descargas de carvão, / Desde manhã à noite.»¹

A Lisboa industrial e operária da última década do século XIX enformava realidades sociais e laborais múltiplas e complexas. O centro tradicional e comercial da cidade tinha forte presença industrial, com grande densidade de mão-de-obra operária, num ambiente socialmente heterogéneo, rodeado de núcleos de habitação das *classes laboriosas*.² Nas periferias, a ocidente e a oriente do centro, afirmava-se uma espacialidade urbana com um caráter mais proletário, onde a identidade operária se desenvolveu num ambiente mais homogéneo.³ Territórios da Lisboa de então, como «Alcântara ou Xabregas, representa[ram] a ascensão de uma «nova cidade de cariz industrial» que tem muito de diferente — no tipo de indústrias, dimensão das fábricas, número de operários/as, como nas formas de habitar e mesmo no tipo de associações operárias — da «antiga cidade manufatureira» que [...] se conserva[va] no centro tradicional da cidade, com uma grande

1 Cesário Verde, *O livro de Cesário Verde* (Lisboa: Editorial Minerva, 1977), 94-95.

2 Ana Alcântara, «A habitação das «classes laboriosas»: espaços de residência operária na Lisboa do final do século XIX,» *Cadernos do Arquivo Municipal* 13 (2020): 41-61.

3 Ana Alcântara, «Espaços da Lisboa Operária. Trabalho, habitação, associativismo e intervenção operária na cidade na última década do século XIX» (Tese de Doutoramento em História, FCSH-UNL, 2019).

heterogeneidade social e de produção.»⁴ No entanto, fracas qualificações, irregularidade laboral e baixas remunerações eram traços comuns a esta «gente pobre, que se emprega nos mais variados misteres.»⁵ classificada como a «classe proletária [europeia] que comia menos e peor».⁶

As mulheres eram parte integrante deste crescente operariado lisboeta do final do século XIX. «Aquellas que a indústria apanhou na sua fabril engrenagem e na oscilação das suas altas e baixas de trabalho»⁷ laboravam em fábricas e oficinas da capital onde «se extenu[av]am trabalhando, e não ganha[va]m, com o seu trabalho, o quanto baste para matarem a fome.»⁸ Mas quantas eram as mulheres que procuravam «um meio de vida nas indústrias e artes»⁹ na Lisboa de então? Onde e em que setores de produção se desenvolvia o seu trabalho? Como se caracterizava esta mão-de-obra?

Em 1890, o Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria (MOPCI), no quadro da revisão da pauta alfandegária, levou a cabo uma inquirição aos estabelecimentos fabris e manufactureiros em Portugal. Deste levantamento resultou o *Inquérito Industrial de 1890*,¹⁰ uma valiosa fonte para o estudo da indústria lisboeta e da mão-de-obra por ela sustentada no final do século XIX, cujas informações relativas às fábricas e oficinas com mais de cinco trabalhadores/as,¹¹ nomeadamente os dados que são diferenciados por sexo dos/as trabalhadores/as, servem de base à análise do universo do trabalho fabril e oficial feminino que aqui apresentamos. Embora esta fonte não abarque toda

4 Alcântara, «Espaços», vii.

5 MOPCI, «Contribuição para o estudo das casas para Operários» (Lisboa: IN, 1912), 25

6 Simão de Martel, «A alimentação das Classes Pobres e suas relações com o trabalho,» *Boletim do Trabalho Industrial* 44 (1911): 20.

7 Ana de Castro Osório, *Às mulheres portuguesas* (Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, 1905), 180.

8 Osório, *Às mulheres*, 178.

9 *O Eco Metalúrgico* 79, 04 de julho de 1897, 3.

10 MOPCI, *Inquérito Industrial de 1890* (Lisboa: IN, 1891).

11 Nesta investigação utilizou-se a seguinte informação do *Inquérito Industrial de 1890*: nome do estabelecimento, localização (morada completa e n.º de porta), setor de produção, número de operários/as (caracterizados/as por sexo, faixa etária e alfabetização) e jornas mínimas diárias.

a realidade laboral do setor secundário na Lisboa de 1890,¹² a multiplicidade de informação nele contida permite traçar um retrato do operariado feminino, lançando pistas sobre aquelas que «como trabalhadoras [...] [eram as] mais mal remuneradas.»¹³

Os fenómenos da pobreza e da fome na Lisboa do final do século XIX, onde «a miséria é enorme [...], ganha-se menos dinheiro e a vida custa mais cara [...] e a mulher [...] em toda a parte ganha pouquíssimo»,¹⁴ não se podem compreender plenamente sem ter em conta as operárias. É esse o contributo que aqui se pretende trazer, ao cartografar e analisar¹⁵ as informações relativas ao operariado feminino no *Inquérito Industrial de 1890*, traçando um retrato espacial dos seus locais de trabalho, setores industriais, pagamento de jorna e taxas de alfabetização.

LABOR OPERÁRIO NO FEMININO

«A mulher tem direito a viver como o homem, e, mais, tem o direito de trabalhar e a ser respeitada no seu trabalho, só devendo temer a concorrência leal.»¹⁶

O trabalho fabril feminino advinha da necessidade de medrar, mesmo que com pouco, o orçamento familiar. Para isso, elas «levantavam-se de madrugada, antes do nascer do Sol: às 7 horas tinham de estar na fábrica. [...] Tinham de se despachar se não queriam que o capataz lhes descontasse os minutos de atraso no salário. Durante 12 horas dedicavam-se a uma tarefa monótona e fatigante. [...] Tinham de suportar a insolência dos mestres e dos colegas masculinos. Ninguém as respeitava.»¹⁷

12 Alcântara, «Espaços», 27-28.

13 Raúl Brandão, *Os operários* (Lisboa: Biblioteca Nacional, 1984), 154.

14 Brandão, *Os operários*, 64.

15 Ana Alcântara, «Lisboa operária na última década do século XIX», in *Humanidades digitais e o mundo lusófono*, org. Ricardo M. Pimenta, *et al.* (Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021), 48-68.

16 Osório, *Às mulheres*, 245.

17 Maria Filomena Mónica, *Artesãos e operários* (Lisboa: ICS, 1986), 194.

A contestação à entrada das mulheres na indústria acontecia nas próprias fábricas, onde elas eram vistas como um recurso dos patrões «no intuito de baratearem a mão de obra». ¹⁸ Na imprensa operária eram acusadas de, «fazendo [...] concorrência aos homens», ¹⁹ serem a causa do abaixamento das jornas. Simultaneamente, estava patente a desmoralização dos «costumes» associada à feminização do trabalho industrial, determinando a necessidade de «limitar o trabalho das mulheres» ²⁰ — «Quantas mulheres perdidas não seriam ainda boas esposas, se não tivessem entrado nas fábricas?» ²¹ A moral vigente apontava que as operárias mães/casadas se dedicassem somente ao trabalho doméstico, procurando manter o trabalho mesmo que oficial e/ou manufatureiro no universo marginal do trabalho no domicílio. Pressões sociais, familiares, laborais, patronais ²² e mesmo «o discurso sindical, defende[iam] quase sempre o regresso da mulher ao lar.» ²³

O retrato do operariado feminino lisboeta ²⁴ conta uma outra história. Tal como resumido no quadro 1, 19,5 % dos estabelecimentos fabris empregavam mão-de-obra feminina e 27 % do total de trabalhadores/as industriais eram mulheres.

Os números absolutos da mão-de-obra nesta época exibem uma grande disparidade na distribuição pelas diferentes zonas urbanas. No quadro 1, observa-se que na zona central somente 6 % do trabalho fabril e oficial era feito por mulheres, enquanto que nas zonas ocidental e oriental elas representavam 30 % e 49 %, respetivamente, do operariado destas áreas de «vocaçào industrial.» ²⁵ Os efetivos do

18 MOPCI, *Inquérito sobre as condições do trabalho manual nas fábricas de tabacos* (Lisboa: IN, 1887), 10.

19 *O Eco Metalúrgico*, 28, 10 de maio de 1896.

20 *A República Social*, 1, 01 de maio de 1890.

21 *O Eco Metalúrgico*, 79, 3.

22 Manuel Villaverde Cabral, *O Operariado nas Vésperas da República* (Lisboa: Editorial Presença, 1977); Maria Filomena Mónica, *A formação da classe operária portuguesa* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982).

23 Maria Goretti Matias, «As mulheres operárias: as tabaqueiras», *Boletim de Estudos Operários*, 9 (1986), 26.

24 MOPCI, *Inquérito*.

25 Deolinda Folgado, Jorge Custódio, *Caminho do Oriente — Guia do Património Industrial* (Lisboa: Livros Horizonte, 1999), 9.

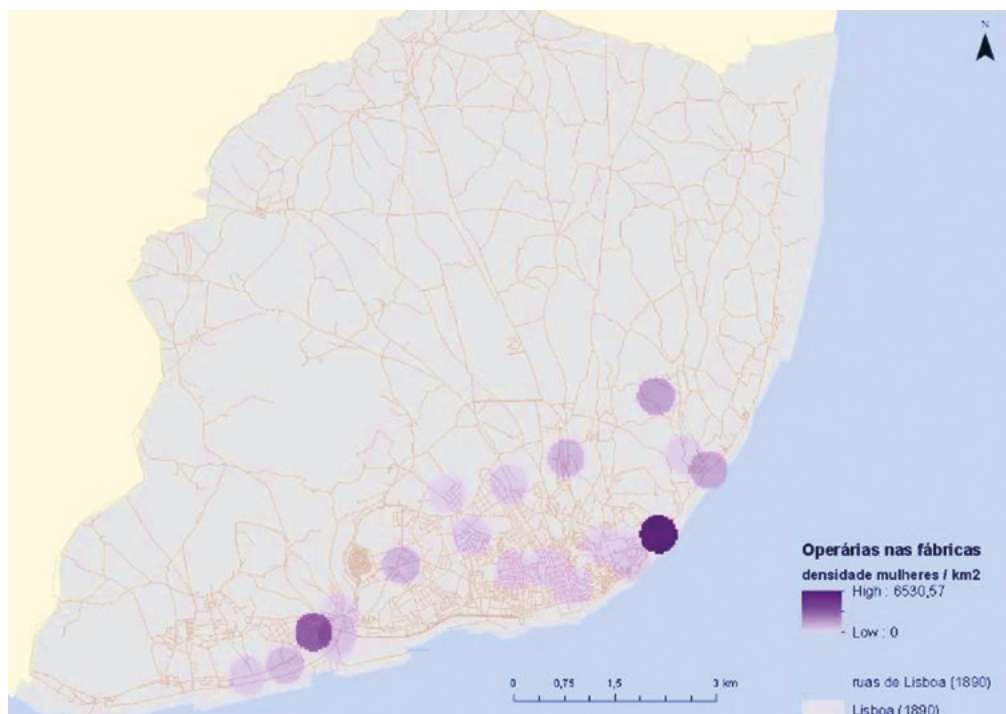


Figura 1. Concentração da mão-de-obra operária feminina.

Fontes: Alcântara, «Espaços»; MOPCI, *Inquérito*, vol. IV, 70-125.

Zona	Operárias (F)	Operários (M)	Total (F/M)
Central	314 (6%)	5085 (94%)	5399
Oriental	2530 (49%)	2637 (51%)	5167
Ocidental	1279 (30%)	2689 (70%)	4268
Norte	0 (0%)	515 (100%)	515
Lisboa (total)	4123 (27%)	11226 (73%)	15349

Quadro 1. Mão-de-obra feminina e masculina por zona urbana (cf. Alcântara, «Espaços», 62).

operariado feminino que se concentravam nos novos polos industriais da época tornam claro que foi aqui que se processou a afirmação, em larga escala, das mulheres no mundo laboral da indústria lisboeta, sendo de realçar o universo quase paritário entre trabalhadores/as fabris da zona oriental.

A análise da figura 1, onde a partir do número absoluto de operárias de cada estabelecimento se representou a densidade do trabalho

fábrica de mulheres,²⁶ torna evidente a concentração da mão-de-obra operária feminina em fábricas e/ou em territórios específicos da cidade. A sua implantação urbana, com as manchas a escurecerem conforme o aumento da densidade de mão-de-obra exclusivamente feminina, reflete a preponderância das áreas industriais de Xabregas e Alcântara como polos fundamentais de agregação de trabalho fabril feminino.

O «distanciamento, para oriente e ocidente do centro, implicava uma tendência para o aumento da dimensão dos estabelecimentos industriais»,²⁷ sendo esta a distribuição daqueles que empregavam mais de 500 pessoas. O maior empregador fabril era a Fábrica Lisbonense de Tabacos, em Santa Apolónia, com 2067 trabalhadores/as, seguindo-se o Arsenal da Marinha com 1385 operários, a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense em Alcântara com 1208 operários/as, a Fábrica de Tabacos de Xabregas com 518 e a Fábrica Samaritana de Algodão em Xabregas que empregava 507 pessoas.

Isolando a mão-de-obra feminina por dimensão fabril (quadro 2), entende-se que, à exceção do Arsenal da Marinha, onde não trabalhava nenhuma mulher, a densidade e distribuição dos locais de trabalho das operárias lisboetas eram determinadas pela localização de «grandes concentrações de trabalho operário sob o mesmo teto fabril».²⁸ A Lisbonense dos Tabacos, a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, a Fábrica Samaritana de Algodão e os Tabacos de Xabregas empregavam 71 % das mulheres operárias registadas no *Inquérito Industrial de 1890*. É de referir, também, que as duas fábricas têxteis desta lista, a Companhia Lisbonense e a Samaritana, eram os maiores empregadores de meninas menores de 16 anos — que eram 18 % das operárias da primeira e 17,5 % da segunda.²⁹

26 Para cartografar a mão-de-obra feminina calculou-se a densidade de pontos por quilómetro quadrado, sendo cada ponto valorado pelo total de operárias que trabalhava em cada estabelecimento referenciado no *Inquérito*. Na figura 1, as manchas mais escuras representam estabelecimentos com maior concentração de operárias.

27 Alcântara, «Espaços», 56-57.

28 Alcântara, «Espaços», 58.

29 Alcântara, «Espaços», 71.

Dimensão industrial (em n.º de operários/as)	Operárias (% de operárias)	Estabelecimentos com operárias
5 a 9	23 (0,5%)	5
10 a 19	85 (2%)	16
20 a 49	102 (2,5%)	10
50 a 99	174 (4%)	6
100 a 499	801 (19%)	10
≥ 500	2938 ³⁰ (71%)	4
Total	4123 (100%)	51

Quadro 2. Operariado feminino por dimensão dos estabelecimentos (cf. Alcântara, «Espaços», 63).

Esta forte relação entre o trabalho feminino e as indústrias tabaqueira e têxtil significa, por outro lado, que a larga maioria das mulheres operárias laborava em estabelecimentos com mais de 500 trabalhadores/as. Como se constata no quadro 2, somente uma minoria trabalhava em oficinas e fábricas onde a mão-de-obra integrava menos de 100 pessoas.

Podemos afirmar que as mulheres faziam parte do «operariado sem qualificação, indiferenciado [com] relações instáveis com o ofício e a empresa»,³¹ que dependia dos setores da «moderna indústria [que] não se situava no [centro do] miolo urbano.»³² Ainda assim, apesar de a maioria das operárias trabalhar nas grandes fábricas das periferias urbanas de Lisboa, elas não o faziam somente aí. Para procurar caracterizar o labor fabril e oficial feminino na Lisboa de 1890, não podemos escamotear os padrões identificados nos estabelecimentos industriais de menores dimensões e em outros setores de produção, revelados na análise da figura 2.

Representaram-se todos os estabelecimentos com mais de cinco pessoas onde trabalhavam mulheres; os símbolos indicam o setor de produção, e a dimensão dos círculos o número de operárias aí registadas.

30 Lisbonense dos Tabacos-1603; Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense-737; Samaritana de Algodão-307; Tabacos de Xabregas-291.

31 Cabral, *O Operariado*, 422.

32 Jorge Custódio, «Reflexos da industrialização na fisionomia e vida da cidade», *O Livro de Lisboa*, coord. Irisalva Moita (Lisboa: Livros Horizonte, 1994), 450.

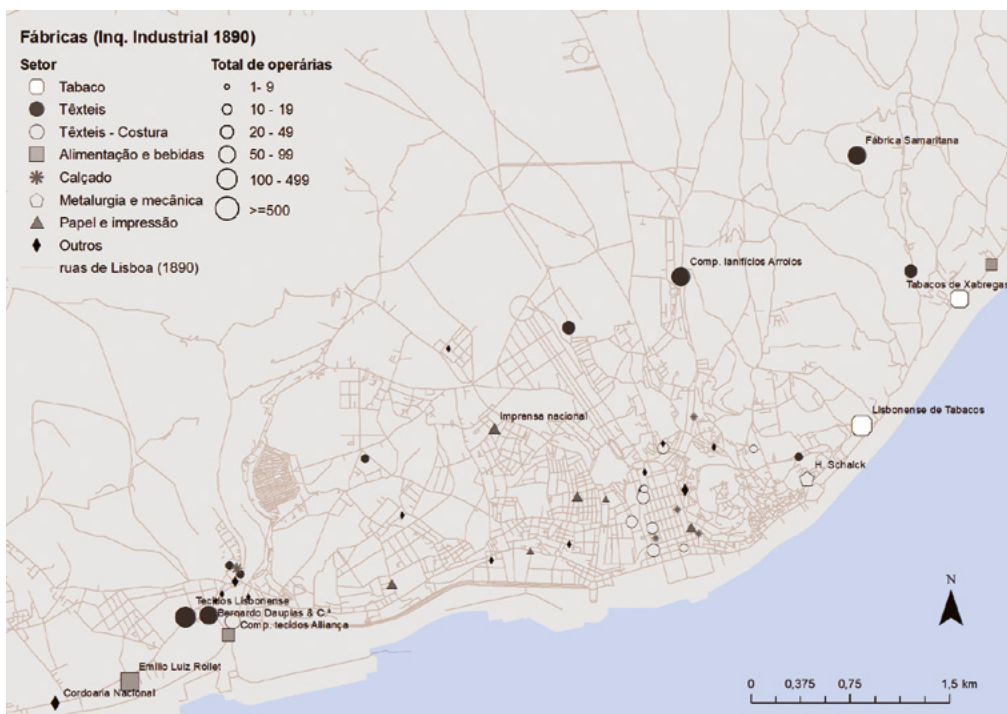


Figura 2. Dispersão do trabalho feminino (adaptado de Alcântara, «Espaços», 64).

A territorialização dos locais de trabalho fabril e oficial das mulheres acompanha as tendências identificadas para a generalidade do operariado lisboeta,³³ nomeadamente quanto à dimensão fabril e à implantação dos setores de produção. Consta-se uma propensão para a localização no centro das fábricas e oficinas com menor dimensão e com maior diversidade setorial, enquanto nas áreas urbanas periféricas se localizavam os estabelecimentos agregadores de mais mão-de-obra e mais homogêneos em termos produtivos. De facto, 46 % do total da mão-de-obra feminina estava nos *tabacos*, 42 % no setor têxtil, 4,5 % no alimentar.³⁴ As restantes operárias dispersavam-se em produções que, antes da introdução da maquinofatura moderna, eram já tradicionalmente desempenhadas por mulheres: as cestarias, as ofici-

33 Alcântara, «Espaços», 64.

34 Segundo o *Inquérito Industrial de 1890*, havia mulheres a trabalhar em 51 estabelecimentos lisboetas. Foram registadas um total de 4123 operárias — 1894 nos *tabacos*, 1741 no *têxtil* e 184 na *alimentação e bebidas*.

nas de cerâmica, de loiças ou de calçado; também em trabalhos ligados à *metalurgia*, como as 68 operárias da pregaria «H. Shalck, sucessores» ou as 33 mulheres empregadas na fundição de tipos litográficos na «Imprensa Nacional».

Foram as operárias têxteis das periferias ocidental e oriental da cidade e as costureiras das oficinas de chapéus, das luvarias e das pequenas fabriquetas de confeções localizadas na Baixa, onde era cosida a moda burguesa vendida nas lojas do Chiado, aquelas que ficaram como símbolos do operariado feminino lisboeta, refletidas na literatura da época de que aqui se destacam dois exemplos. No livro *Amanhã*, Abel Botelho descreve o interior de uma fábrica têxtil de Xabregas como um

vasto recinto [onde] além do encarregado, só mais dois homens [trabalhavam] [...]. Nesta oficina acumula-se uma grande diversidade de máquinas [...]. Uma mulher só vigia cada máquina, que move quinhentos carretes. [...] [N]aquele desaurido e galopante engrenar de rodas, alavancas, bobinas, pratos e correias, pelo meio do qual centenas de pequeninas mulheres andam perdidas, derreadas e atentas, moirejando, tressuando, desfeito o tórax em opressivas dispneias de cansaço e olhos febris.³⁵

Também as costureiras entrevistadas por Raul Brandão «no Chiado, ao fim da tarde, quando terminando o trabalho, saem das oficinas nas traseiras das lojas para regressar a casa»,³⁶ representam a operária lisboeta desta época. Aquela «mulher, costureira sobretudo, vive em Lisboa numa miséria, trabalhando em ‘ateliers’ onde o ar é péssimo»³⁷ e a luz é pouca, revela uma classe laboriosa que adquiriu um peso simbólico e imagético da mulher trabalhadora do centro da cidade.

Tanto as costureiras, as tabaqueiras, as operárias têxteis como as trabalhadoras em oficinas, fábricas e fabriquetas integravam o

35 Abel Botelho, *Amanhã* (Porto: Lello & Irmãos, 1901), 258.

36 Brandão, *Os operários*, 155.

37 Brandão, *Os operários*, 154.

operariado da *grande indústria*³⁸ — essa «massa heterogénea — homens, mulheres e crianças — que tanto incluía empregados/as fabris e oficinais como artesãos/ãs e trabalhadores/as indiferenciados/as, que conforme as estações, os ciclos de produção ou as necessidades do mercado salariavam temporariamente a sua força de trabalho.»³⁹

RETRIBUIÇÃO DO TRABALHO DAS OPERÁRIAS

«Visitando as oficinas e fábricas, não vemos que a seleção se dê pela ‘força’, mas sim pelo ‘salário’.»⁴⁰

É sabido que o crescimento da produção industrial portuguesa desde meados do século XIX⁴¹ resultou, em grande medida, «do aumento da força de trabalho [...] a baixo preço.»⁴² O operariado não tinha um salário fixo. As jornas eram indexadas ao dia de trabalho, incerto conforme o horário — inconstante, já que muitos estabelecimentos «trabalham à proporção que chegam os pedidos» — e a quantidade produzida — que «varia[va] de tal modo [...] que não é possível estabelecer uma média de produção para servir de base a cálculos seguros.»⁴³

Aquando da inquirição feita pelos agentes do MOPCI, «foi sobretudo na parte relativa [...] à produção e à retribuição dos operários, que mais se acentuou a relutância dos industriais em dar informações»,⁴⁴ resultando que o *Inquérito Industrial de 1890* apresente o valor

38 Designação dos estabelecimentos com mais de cinco operários/as no *Inquérito Industrial de 1890*.

39 Alcântara, «Espaços», 59.

40 Osório, *Às mulheres*, 247.

41 Jaime Reis, «A industrialização num país de desenvolvimento lento e tardio», *Análise Social* 96 (Lisboa: ICS, 1987), 207-227; Jaime Reis, «A produção industrial portuguesa, 1870-1914», *Análise Social* 94 (Lisboa: ICS, 1986), 903-928.

42 Conceição Andrade Martins, «Trabalho e condições de vida em Portugal (1850-1913)», *Análise Social* 142 (Lisboa: ICS, 1997), 484.

43 MOPCI, *Inquérito sobre as condições*, 11.

44 MOPCI, *Inquérito*, vol. IV, 305

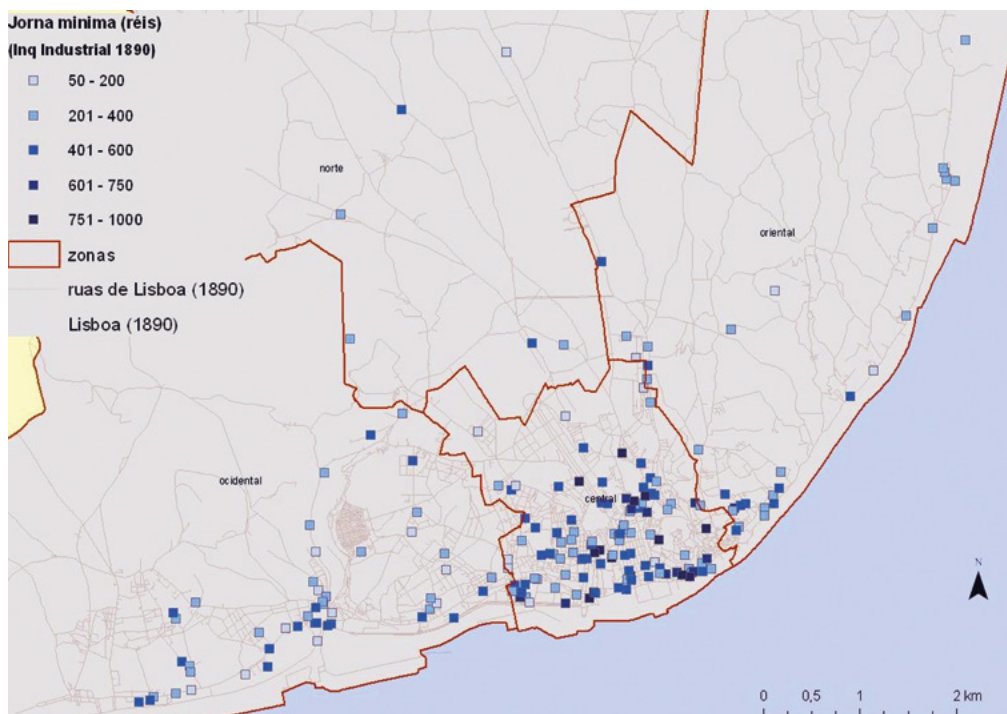


Figura 3. Distribuição da jorna mínima diária (cf. Alcântara, «Espaços», 81).

das jornas pagas em 77% dos estabelecimentos fabris lisboetas.⁴⁵ Mesmo a informação fornecida é omissa na diferenciação dos valores pagos por sexo e na quantificação dos/as trabalhadores/as que recebiam jorna máxima e/ou mínima em cada estabelecimento. Tendo em conta estas limitações, que impossibilitam o cálculo da média das retribuições, optou-se por basear a análise do enquadramento salarial das operárias lisboetas a partir da sobreposição espacial das conclusões anteriores, nomeadamente quanto à dispersão da mão-de-obra feminina e dos setores de produção que empregavam mais mulheres, com a distribuição dos valores mínimos de jorna em cada fábrica e oficina.⁴⁶ «Em igualdade de circunstâncias profissionais, as mulheres

45 O *Inquérito Industrial de 1890* apresenta valores das jornas pagas em 202 dos 261 estabelecimentos registados na cidade de Lisboa.

46 MOPCI, *Inquérito*, vol. IV, 164-203.

[...] ganha[va]m menos que os homens.»⁴⁷ A opção de analisar as jornas mínimas pagas pelo trabalho industrial lisboeta permite propor uma hipótese de escala de quanto à «retribuição por dia normal de trabalho»⁴⁸ das lisboetas que trabalhavam em fábricas e oficinas em 1890.

A análise da distribuição das jornas mínimas⁴⁹ (figura 3) permite detetar onde trabalharia o operariado mais pobre da capital. A decomposição espacial desta dispersão revela uma localização das jornas mais elevadas, tendencialmente mais próxima da zona central da cidade, e uma propensão oposta nas zonas oriental, ocidental e norte, onde não existiam estabelecimentos industriais que pagassem jornas mínimas superiores a \$600 réis. Daqui se deduz que o operariado dos novos polos de desenvolvimento industrial «cresceu empobrecendo.»⁵⁰

Os valores das jornas mínimas diárias indicam que, «embora Alcântara e Xabregas fossem espaços de forte conglocação operária»,⁵¹ a elevada concentração de mão-de-obra pouco qualificada nas zonas da cidade com especialização produtiva mais marcada retirava valor ao trabalho fabril. O mesmo se constatou já nas zonas com maior densidade operária feminina (figura 1). Assim, a forte concentração de mão-de-obra de mulheres em territórios específicos parece estar relacionada com as diferenças espaciais quanto ao pagamento da mão-de-obra. A média das jornas mínimas era mais alta na zona com menor densidade de trabalhadoras — a central — e mais baixa naquela onde trabalhava uma maior percentagem de operárias lisboetas em 1890 — a zona ocidental (quadro 1). De facto, os treze estabelecimentos fabris e oficinais com jornas mínimas iguais ou superiores a \$800 réis localizavam-se em redor da Baixa (figura 3), enquanto aqueles cujas retribuições registaram valores mais baixos se situavam nas zonas mais periféricas da cidade, não havendo referência a qualquer estabeleci-

47 Cabral, *O Operariado*, 436.

48 MOPCI, *Inquérito*, vol. IV, 164.

49 Para cartografar o valor da jorna mínima paga aos/às trabalhadores/as, ordenaram-se os valores indicados em cinco escalões. Na figura 3, quanto mais claro o tom representado, mais baixa a jorna mínima auferida por dia de trabalho no estabelecimento.

50 Martins, «Trabalho», 485.

51 Alcântara, «Espaços», 83.

mento industrial aí localizado que pagasse jornas mínimas superiores a \$600 réis.

As comunidades laborais que os dados indicam como as menos recompensadas pelas horas de trabalho⁵² correspondem às afetas aos setores onde a percentagem de operárias era maior. O peso da mão-de-obra feminina em determinados setores, nomeadamente no «operariado superexplorado do têxtil»,⁵³ nas unidades fabris da Administração Geral dos Tabacos e nas *cordoarias/cestarias*⁵⁴ será um dos fatores que justifica a distribuição espacial dos estabelecimentos fabris e oficinais lisboetas com jornas mínimas mais baixas.

ALFABETIZAÇÃO DAS OPERÁRIAS

«O número de analfabetos é enorme, e os que sabem alguma coisa é tão pouco, e tão mal aprendido, que mais se pode dizer que igualmente nada sabem.»⁵⁵

Segundo o Censo da População de 1890 «o país contava no 1.º de dezembro de 1890 só 20,8 %»⁵⁶ de habitantes que sabiam ler. Esta percentagem em Lisboa distanciava-se em muito do valor global do país, com uma taxa de alfabetização geral de 52,5 %, sendo na ordem dos 56,5 % na população masculina e de 48 % na população feminina (gráfico 1). Esta discrepância tão pronunciada entre alfabetização nacional e lisboeta, e o lugar cimeiro ocupado pela capital,⁵⁷ aconteceria quer por haver «proporcionalmente mais gente em ocupações onde era provável encontrar letrados, quer porque as instituições de ensino

52 Alcântara, «Espaços», 77-80.

53 Cabral, *O Operariado*, 435.

54 Segundo o *Inquérito Industrial de 1890*, 28,5% dos/as trabalhadores/as do setor da cordoaria/cestaria eram mulheres.

55 Osório, *Às mulheres*, 152.

56 DEGC, *Censo da população do Reino de Portugal a 1 de Dezembro de 1890*, vol. I (Lisboa: IN, 1896), 97.

57 A segunda taxa de alfabetização mais elevada registou-se no Porto (46 %).

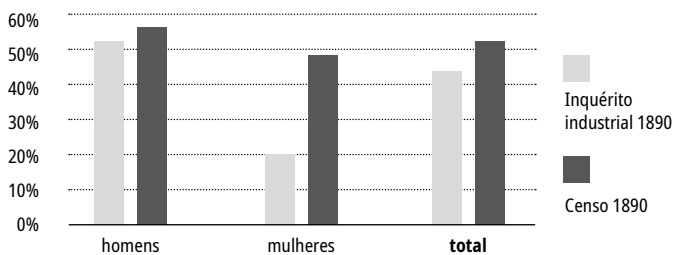


Figura 4. Taxas de alfabetização em Lisboa: operariado *versus* população em geral.

Fontes: MOPCI, *Inquérito*, vol. IV, 70-125; DEGC, *Censo*, I, 99.

alcançassem melhor a população.»⁵⁸ No entanto, e pelo que veremos em seguida, não seriam as ocupações de carácter fabril que justificavam o destaque de Lisboa.

Os valores de população lisboeta alfabetizada, segundo o *Censo* e a informação do *Inquérito Industrial* relativa ao «pessoal existente, sua nacionalidade e instrução»,⁵⁹ revelam que a percentagem dos/as trabalhadores/as fabris que sabiam ler ficava aquém do global da população da cidade: a taxa de alfabetização do operariado registada era de 43,7%.⁶⁰ Se atendermos ao «número de indivíduos que sabem ler»⁶¹ do sexo masculino, a taxa subia para os 52%, enquanto a das mulheres operárias se ficava pelos 20,5% (figura 4) — ou seja, a diferença entre homens e mulheres alfabetizados/as era mais pronunciada do que na globalidade da população lisboeta. A comparação das percentagens apresentadas pelas duas fontes revela diferenças pouco significativas entre taxas de alfabetização masculina e, pelo contrário, uma grande disparidade entre percentagens de mulheres alfabetizadas. As freguesias urbanas de Lisboa apresentavam a mais elevada alfabetização feminina nacional,⁶²

58 Rui Ramos, «Culturas da alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal», *Análise Social* 103-104 (Lisboa: ICS, 1988), 1072.

59 MOPCI, *Inquérito*, vol. IV, 70-125.

60 Do total da população operária lisboeta registada no *Inquérito Industrial de 1890* — 15349 pessoas (11226 homens e 4123 mulheres) — 6701 foram registadas como sabendo ler (5857 homens e 844 mulheres).

61 MOPCI, *Inquérito*, vol. IV, 70.

62 DEGC, *Censo*, vol. I, 99.

Zona	Operariado que sabe ler (%)		
	Mulheres	Homens	Total
Central	177 (56%)	2960 (58%)	3137 (58%)
Oriental	401 (16%)	1205 (46%)	1606 (31%)
Ocidental	266 (21%)	1365 (46%)	1631 (38%)
Norte	—	327 (63%)	327 (63%)
Lisboa (total)	844 (20,5%)	5857 (52%)	6701 (43,7%)

Quadro 3. Alfabetização operária por zona urbana (cf. Alcântara, «Espaços», 91).

Nota: A taxa de alfabetização é calculada para o universo total de trabalhadores/as do mesmo sexo em estabelecimentos da mesma zona urbana.

mas a taxa de operárias que sabiam ler colocava-as numa posição muito subalterna em relação ao global das mulheres que habitavam na mesma localidade. A grande diferença entre taxa de alfabetização feminina no *Censo* e no *Inquérito Industrial* de 1890 revela, uma vez mais, o carácter não-qualificado e desvalorizador do trabalho fabril feminino.

A informação relativa a quem sabe ler, entre a mão-de-obra de cada estabelecimento industrial, permite calcular as taxas de alfabetização por área urbana (quadro 3), por setor de produção (figura 5), e diferenciar entre homens e mulheres que trabalhavam em cada fábrica ou oficina. Revela uma taxa de alfabetização na zona central que, para além de superior à registada para o global do operariado lisboeta, era bastante aproximada entre sexos — 56 % das operárias alfabetizadas e 58 % dos seus colegas homens. Assim, as operárias da zona central da cidade, apesar de serem em menor número, eram aquelas em que maior percentagem sabia ler — 56 % contra 21 % na zona ocidental e 16 % de operárias alfabetizadas nas fábricas da área oriental.

A distribuição urbana da percentagem de alfabetização feminina percentualmente mais forte estava intimamente relacionada com a localização mais central de alguns setores, como *papel e impressão*, *calçado* e *chapelaria*, com taxas de operárias que sabiam ler de 64 %, 46 % e 34 %, respetivamente (figura 5). A especialização tecnológica necessária a muitas das funções ligadas à *impressão*, assim como a autonomia técnica necessária à manufatura de chapéus e sapatos,

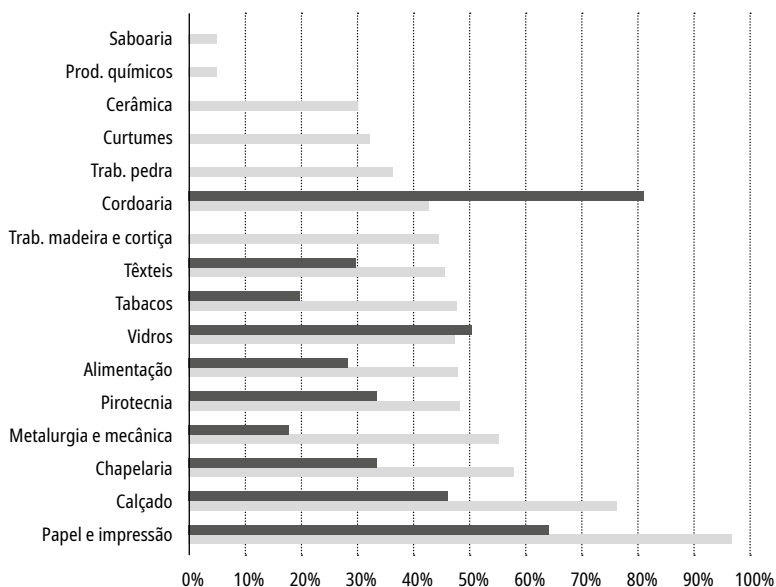


Figura 5. Taxa de alfabetização do operariado, por setor industrial e sexo.

Fonte: MOPCI, *Inquérito*, vol. IV, 70-125.

pode explicar porque ler e escrever seria fundamental em praticamente todas as tarefas do processo de produção. Já a fraquíssima taxa de alfabetização das operárias da zona oriental, 16 % (quadro 3), onde trabalhava a grande maioria das trabalhadoras fabris e oficinais, fundamentalmente nos setores dos *tabacos* e *têxteis*, revela como o grosso da mão-de-obra operária feminina era realmente o elemento mais fraco do mundo laboral lisboeta neste final do século XIX.

As dinâmicas internas e as características do operariado feminino lisboeta do final de Oitocentos ajudam a clarificar os grandes números acima indicados. Observando as diferenças de instrução feminina entre setores industriais e entre sexos dentro de cada setor (figura 5), percebe-se que os setores onde as operárias eram dominantes funcionam como barómetro deste fenómeno.

Nos *tabacos*, que empregavam 46 % do total de operárias fabris e onde 73 % da mão de-obra era feminina,⁶³ não chegavam a 20 % as

63 O setor dos *tabacos* empregava 2585 pessoas; 1898 eram mulheres.

mulheres que sabiam ler. Já nos *têxteis*, onde trabalhavam 42% do total das operárias registadas e elas representavam 46% da mão-de-obra fabril,⁶⁴ a especialização de algumas funções implicaria algum grau, ainda que diminuto, de alfabetização, atendendo à mecanização de alguns processos da cadeia de produção. Aqui, a diferença entre a alfabetização feminina e masculina não era tão acentuada como nos *tabacos* e, percentualmente, mais operárias saberiam ler, não chegando, no entanto, a 30% de alfabetizadas. Aos valores registados na *cordoaria*, que contava com 29% de mulheres,⁶⁵ que à primeira vista impressiona pelos 80% de alfabetizadas, correspondiam valores absolutos com pouco significado,⁶⁶ tal como acontece com os dados referentes aos *vidros*. Nos setores fabris com 0% de alfabetização feminina, os números expressam duas realidades diferentes: por um lado, as oficinas e fábricas de *cerâmica* e os *trabalhos em madeira*, onde todas as operárias eram analfabetas; por outro, os setores dos *curtumes*, *produtos químicos*, *saboaria* e *trabalhos em pedra*, que não registaram mulheres.

CONCLUSÃO

Na Lisboa do período final do século XIX ocorreram transformações económicas e sociais impulsionadas, em grande parte, pelo desenvolvimento industrial. Assistiu-se, então, a um jogo de adaptações e mudanças que dependeram da intervenção de diversos atores sociais e das suas vivências urbanas, nomeadamente do crescente operariado pobre cujas «receitas da maioria (...) eram inferiores às despesas».⁶⁷ Foi nesta inter-relação entre os espaços sociais e físicos que se procurou desvendar a presença e contribuição das mulheres operárias.

A dispersão do operariado feminino lisboeta tinha características específicas, evidenciando, «entre as classes operárias, o miserável emprego dado às mulheres.»⁶⁸ Havia operárias trabalhando por

64 O setor *têxtil* empregava 3783 pessoas; 1741 eram mulheres.

65 O setor *cordoaria e cestaria* empregava 263 pessoas; 75 eram mulheres.

66 Alcântara, «Espaços», 89-90.

67 Martins, «Trabalho», 265.

68 Ramalho Ortigão; Eça de Queiroz, *Farpas* (Lisboa: Typographia Universal, 1872), 43.

toda a cidade, mas, por serem mão-de-obra maioritariamente afeta às indústrias tabaqueira e têxtil, elas tinham um peso bastante maior nos novos polos industriais que se desenvolviam nas zonas oriental e ocidental. Nestas periferias onde despontava a nova cidade industrial, concentrava-se a maioria do operariado feminino, que se caracterizava por auferir tendencialmente menos por dia de trabalho e por ter taxas de alfabetização menores que os seus colegas. Foram estas mulheres, representantes da mais pobre de entre a mão-de-obra indiferenciada de então, que nestes espaços protagonizaram a afirmação feminina no mundo industrial lisboeta. Ainda assim, apesar de em menor número, as operárias que trabalhavam na zona central davam visibilidade ao trabalho oficinal e fabril feminino, já que era das suas mãos que saíam as luvas, os chapéus e as confeções que alimentavam a moda burguesa da Baixa da cidade. Imersas no ambiente heterogéneo da centralidade lisboeta, trabalhavam dispersas por pequenas fábricas e oficinas numa zona com fraca densidade de mão-de-obra feminina, mas onde as jornadas diárias eram tendencialmente maiores e a percentagem de alfabetização operária era bastante aproximada da dos homens.

Com o intuito de contribuir para alargar o conhecimento historiográfico sobre a pobreza e como este fenómeno se relacionava, também, com o universo do trabalho fabril e oficinal feminino lisboeta, numa perspetiva alicerçada na territorialização e na interação espacial de diversos dos seus aspetos, este texto procurou não só identificar a presença, mas também contribuir para caracterizar as operárias que fizeram parte integrante de distintos contextos industriais na capital portuguesa, mulheres, também elas, agentes desta Lisboa da última década de Oitocentos — uma cidade em mudança entre a Monarquia e a República.

Palavras-chave:

Mulheres; Indústria; Lisboa; Século XIX; Trabalho; Alfabetismo.